

## O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES MILITARES NA MOBILIDADE SOCIAL E A CRESCENTE EVASÃO DE CÉREBROS

Marcos de Araújo<sup>22</sup>

### RESUMO

O objetivo deste estudo de métodos mistos concomitantes, é examinar as realidades sociais de mulheres e homens nos diferentes postos, procurando identificar quais camadas da sociedade, nos últimos 30 (trinta) anos, foram atraídas para ingressar nos cursos de formação de oficiais das Forças Militares, em especial nas Forças Armadas e se estes militares experimentaram mudanças de classes sociais. A metodologia adotada comportou pesquisa bibliográfica e documental com procedimentos comparativos. Houve investigação de campo com entrevistas e questionários aplicados aos Estagiários do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia – CAEPE 2013, e ao corpo permanente da Escola Superior de Guerra – ESG, no Campus do Rio de Janeiro e a alguns de seus respectivos palestrantes. Conclui aquilatando a importante função de mobilidade social que as Instituições Militares possuem no contexto nacional apesar da paradoxal elevada taxa de evasão existente entre os oficiais. Identifica também os motivos de evasão.

### PALAVRAS CHAVE

Mobilidade social. Evasão. Militar. Classe. Estratificação.

### ABSTRACT

The purpose of this study is to examine the social realities of men and women in different positions, trying to identify which sections of society were attracted to join the officers training courses of the Military Forces, particularly in the Armed Forces and, if these soldiers experienced any changes to their social classes. The methodology adapted used research from bibliographies and documents with comparative procedures. The study included field research with interviews and questionnaires given to student in Advanced Strategic Policy Studies Course - CAEPE 2013 and the instructors and staff of the Escola Superior de Guerra - ESG, Campus of Rio de Janeiro; as well as some of their speakers. Concludes recognizing the important social mobility function that military institutions have at the national level despite the paradoxical existing high evasion rate among officers. It also identifies evasion reasons.

### Keywords

Social mobility. Evasion. Military. Class. Stratification

<sup>22</sup> Doutor em Ciência Jurídica e Social pela Universidad Del Museo Social Argentino. Mestre em Ciência Política pelo Centro Universitário Euro-Americano – Unieuro. Especialista em Segurança Pública, Direitos Humanos e Política Criminal pela Escola de Gestão Pública do DF, EGDF, e Faculdades Farias Brito – Ceará. Especialista em Gestão Estratégica em Segurança Pública pela PMDF/UNB. E-mail: profdearaujo@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

### Classe e Estratificação

As ideias desenvolvidas por Karl Marx e Max Weber formam a base da maioria das análises sociológicas de classes e estratificação. (GIDDENS, 2005).

A obra que Karl Marx trabalhava na ocasião de sua morte, posteriormente publicada como parte do O Capital, foi interrompida exatamente quando indagava “o que constitui uma classe”? (GIDDENS, 2005, P. 234). Dessa forma o conceito de Marx para classe deve ser analisado a partir do conjunto de seus escritos. Segundo esta análise, para ele, uma classe é um grupo de pessoas que se encontram em uma relação comum com os meios de produção – os meios pelos quais elas extraem seu sustento.

Esses meios de produção inicialmente consistiram na posse da terra e dos instrumentos e animais necessários para seu cultivo. Portanto, havia duas classes principais no período pré-industrial: a primeira, composta pela pequena nobreza, os aristocratas e os donos de escravos; e a segunda, os servos, os escravos e os camponeses livres que representavam o grupo que se envolviam diretamente no trabalho da terra.

Na sociedade moderna as duas classes são formadas por aqueles que detêm os meios de produção – os industrialistas ou capitalistas e aqueles que ganham a vida vendendo seu trabalho para eles – a classe operária. Para Marx, existe em toda sociedade caracterizada por um capitalismo desenvolvido, a **classe dominante** e a **classe dominada**. Ou seja, existe entre as classes uma relação de exploração.

Na visão de Giddens, (2005) a teoria de Max Weber para a estratificação foi construída sobre a análise desenvolvida por Marx, contudo ele a transformou e aprimorou. Para Weber, a estratificação social não é uma questão de classe pura e simples, mas é amalgamada em mais dois outros aspectos: status e partido. Weber apresenta um contraponto ao modelo bipolar de Marx.

Segundo o sociólogo alemão, as divisões de classes não se baseiam somente nos meios de produção, mas em diferenças econômicas dissociadas da propriedade. O autor acredita que a posição de mercado exerce influência sobre as oportunidades de vida do indivíduo. “Aqueles que desenvolvem ocupações gerenciais ganham mais, e dispõem de condições favoráveis de trabalho, do que, por exemplo, os operários”. (GIDDENS, 2005, p. 236)

Ainda que Marx acreditasse que as diferenças de *status se* originavam das divisões de classes em uma mesma sociedade, Weber era contrário a esta ideia. Nem sempre a posse de riquezas é indicadora de um *status* elevado.

Para Weber a formação do partido pode influenciar a estratificação, independentemente da classe e do *status*, sendo um aspecto importante do poder. O partido define um conjunto de indivíduos que trabalham juntos por terem formações, objetivos e interesses em comuns. Um marxista pode tentar

explicar os “conflitos” entre praças e oficiais nas Forças militarizadas em termos de classe, já que as praças são originárias das classes mais pobres. Já um seguidor de Weber qualificaria esse raciocínio como ineficaz, pois muitos oficiais também vêm de uma classe pobre.

Na ótica de Giddens, Marx caminhou na tentativa de reduzir a estratificação social exclusivamente no eixo das divisões de classe, por outro lado, Weber apontou para a complexa influência que a classe, *status* e partido guardam entre si. Complementa afirmando que “o esquema de Weber fornece uma base mais flexível e sofisticada para a análise da estratificação do que aquela oferecida por Marx” (GIDDENS, 2005, p. 233).

O sociólogo britânico afirma que as classes diferem das antigas formas de estratificação em muitos sentidos:

Ao contrário de outros tipos de estratos, as classes não são estabelecidas por providência legais ou religiosas; a condição de membro não se baseia em uma posição herdada especificada legalmente ou por costume. Os sistemas de classes são normalmente mais mutáveis dos que os outros tipos de estratificação, e as fronteiras entre as classes nunca são claras. Não existe nenhuma restrição formal quanto ao casamento entre pessoas de diferentes classes.

A classe de um indivíduo é, pelo menos de alguma forma, *conquistada*, e não simplesmente “determinada” no nascimento, como é comum em outro tipo de sistema de estratificação. A mobilidade social – movimento ascendente e descendente na estrutura de classes – é muito mais comum do que nos outros tipos. (nos sistemas de castas, a mobilidade individual de uma casta para a outra é impossível).

As classes dependem de diferenças *econômicas* entre agrupamento de indivíduos – desigualdades na posse e no controle de recursos materiais. Nos outros tipos de sistema de estratificação, os fatores não econômicos (como influência da religião no sistema indiano de casta) são geralmente os mais importantes.

Nos demais tipos de estratificação, as desigualdades são expressas primeiramente nas relações pessoais de dever ou de obrigação – entre servo e o senhor, o escravo e o amo, ou entre os indivíduos de castas mais baixas e os de castas mais altas. Os sistemas de classes, em contraste funcionam principalmente por meio de conexões de larga escala com caráter impessoal. Por exemplo, o ingrediente principal das diferenças de classe encontra-se nas desigualdades de condições de pagamento e de trabalho; estas afetam todas as pessoas em categorias ocupacionais específicas, como resultado de circunstâncias econômicas que prevalecem em toda a economia. (GIDDENS, 2005, p. 233).

O movimento que vai dos extremos desiguais às sutilezas da mescla entre eles é observável nos diversos agrupamentos humanos. Naturalmente, a ideologia predominante quer sejam políticas, culturais ou religiosas, poderão agravar ou minimizar o impacto da desigualdade.

Ainda que diferentes na forma de estratificação é possível observar algumas similitudes valorativas e comportamentos desejáveis nas classes mais altas na sociedade indiana e nas sociedades ocidentais, como o sacrifício e dedicação em prol do bem comum. No ocidente, pelo menos em tese:

Quanto mais alta a casta, maiores as restrições. [...] Ao atingir a casta mais elevada, a do brâmane, que é a do sacerdócio hereditário da Índia, suas vidas, como já foi dito, são cada vez mais restritas. Em comparação com os costumes ocidentais, suas vidas são de ininterrupto ascetismo. (VIVEKANANDA, 2004, p.331)

Embora o sistema de castas, cuja característica principal era a impossibilidade de mobilidade, tenha sido abolido oficialmente na Índia em 1950, ainda se observa na sociedade indiana moderna os

vícios da imobilidade e exclusão que se aproxima das desigualdades do sistema de classes ocidental, com a mobilidade rápida da classe média. Naturalmente, os sacrifícios variam em cada sociedade, mas em cada uma delas é perceptível a crença no sacrifício proporcional ao valor atribuído por seus integrantes e seguidores. Classes mais elevadas exigem maiores atribuições e responsabilidades.

Neste sentido considera-se “que a razão de ser de toda estruturação social é a obtenção de uma ordem que se afeioe aos ditames do **bem comum**.” (CAVALCANTI, 1980, p. 5). “Apenas por vício um cidadão daria mais importância à vida privada que aos interesses do coletivo.” (HOLLANDA, 2011, p.7). Não se deve, portanto, descuidar dos aspectos que envolvem a Segurança da Nação, sendo imperioso destinar-lhes consideráveis parcelas de seus esforços e recursos. Isto porque o ideal do **bem comum**, perseguido pelo desenvolvimento, não poderá ser atingido, em condições satisfatórias, sem a garantia proporcionada pela Segurança, obtida pelas medidas e ações de Defesa. (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, 2013, p 127).

Recorrendo à filosofia política platônica, onde a premissa para a harmonia social é o reconhecimento das desigualdades naturais entre os homens (HOLLANDA, 2011, p.8), vê-se que o problema da mobilidade, em sua fórmula simplista, pode mascarar realidades desiguais e entorpecer iniciativas genuínas de mudança *no status quo*:

Utilizar apenas a mobilidade para falar sobre a ascensão social acaba por focar o estudo em fatores limitados, existiriam então outras forças operando no processo de ascensão social? Nas metodologias dos estudos clássicos sobre o tema foram utilizadas critérios sobre ocupação e renda, ainda pode estar embutido nestes estudos o entendimento de que o movimento é mecânico, que escolaridade representa ascensão social, e na simplicidade da fórmula bastaria o investimento em educação, pessoal e governamental, como garantia de melhoria do status social. [...] (PASTORE; HALLER, 1993, p. 25).

Bourdieu (2007) contrapondo-se à mobilidade esclarece:

A representação obtida, assim, não seria tão difícil de conquistar se não pressupusesse duas rupturas: uma com a representação espontânea do mundo social, resumida na metáfora da "escala social" e evocada por toda a linguagem comum da "mobilidade" com suas "ascensões" e "declínios": e outra, não menos radical, com toda a tradição sociológica que, ao não se contentar em retomar, tacitamente e por sua conta, a representação unidimensional do espaço social - à semelhança do que fazem, por exemplo, as pesquisas sobre a "mobilidade social" -, acaba por submetê-la a uma elaboração falsamente erudita, reduzindo o universo social a um continuum de estratos abstratos (*upper middle class*, *lower middle class*, etc.), obtidos pela agregação de espécies diferentes de capital em decorrência da construção de índices - instrumentos, por excelência, da destruição das estruturas. A projeção sobre um único eixo pressuposto na construção da série contínua, linear, homogênea e unidimensional à qual, habitualmente, é identificada a hierarquia social, implica uma operação extremamente difícil - e arriscada, em particular, quando é inconsciente -, consistindo em reduzir as diferentes espécies de capital a um padrão único e em avaliar, por exemplo, com a mesma bitola, a oposição entre empresários da indústria e professores do secundário (ou artesãos e professores primários) e a oposição entre empresários e operários (ou quadros superiores e empregados). Esta operação abstrata encontra um fundamento objetivo na possibilidade, continuamente oferecida, de converter uma espécie de capital em uma outra a taxas variáveis de conversão, segundo os momentos, ou seja, segundo o estado da relação de força entre os detentores das diferentes espécies. Ao exigir a formulação do postulado relativo à convertibilidade das diferentes espécies de capital que é a condição da redução do espaço à unidimensionalidade, a construção de um espaço com duas dimensões permite, de fato, perceber que a taxa de conversão das diferentes espécies de capital é um dos pretextos fundamentais das lutas entre as diferentes frações de classe, cujo poder e privilégios estão relacionados com uma ou outra dessas espécies e, em particular, da luta

sobre o princípio dominante de dominação - capital econômico, capital cultural ou capital social, sabendo que este último está estreitamente associado à antiguidade na classe por intermédio da notoriedade do nome, assim como da extensão e da qualidade da rede de relações - que, em todos os momentos, estabelece a oposição entre as diferentes frações da classe dominante. (BOURDIEU, 2007, p.115)

### **Classe Social do Militar durante a Carreira: Há Mobilidade Social?**

Objetivando comparar a classe social do militar no ingresso com a que se encontra no final da carreira foi perguntado aos Oficiais Superiores Estagiários do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia – CAEPE 2013, e aos Oficiais do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra - ESG, se ao ingressarem na Instituição experimentaram mudança de classe social. Foi pedido para ser considerada somente a realidade pessoal. Nas respostas, 53% dos militares afirmaram que sim.

Visando avaliar a intensidade dessa influência, quando ela ocorre, bem com identificar o percentual da mobilidade social ascendente e descendente foi questionado se o ingresso na instituição influenciou a mobilidade social. Apurou-se que para 49% dos oficiais houve melhora; para 41% não houve influência alguma e 10% pioraram sua situação da classe social.

Metade dos oficiais experimentou mudança ascendente em sua classe social. Considerando este percentual, os resultados vão ao encontro das respostas de alguns estagiários entrevistados no âmbito da ESG/CAEPE 2013. Esta mobilidade pode ser explicada pelo fato de que a maior parte dos que ingressam nas Academias são jovens em seu primeiro emprego<sup>23</sup>. A exceção se dá para os concursos que exigem curso superior.<sup>24</sup> Ainda assim, as atividades deixadas pelo/a aprovado/a para o ingresso na carreira possuem remuneração inferior ao que receberá no início da carreira de oficial.

O impacto social na vida do jovem oficial, em virtude de seu ingresso na carreira militar, é maior, em termos de mobilidade social, do que a progressão que experimenta ao longo da carreira. Este impacto não se refere somente à mudança de situação de dependente econômico para economicamente ativo, mas principalmente na forma de “ritos de passagem de uma fase da vida para outra, ou seja, no término de certas etapas (escolarização) e início da seguinte (trabalho) na saída do indivíduo de sua família original e entrada em outra, ou preparação de nova família”. (PASTORE, 1979, p. 83).

O status da família original pode influenciar a decisão pela escolha da carreira. Esta influência manifesta-se diferenciadamente ao longo das gerações, condicionada ao contexto histórico, político e cultural. O impacto da realidade socioeconômica do país atua diretamente nas interações familiares, formação educacional e na perspectiva profissional de seus jovens membros, interferindo nos valores e

<sup>23</sup> O ingresso nas Academias se dá, em média, entre 18 e 20 anos, e entre 22 e 24 anos de idade o candidato é declarado aspirante.

<sup>24</sup> São exemplos alguns Quadros Complementares nas FA, e em algumas Forças Auxiliares que exigem nível superior para matrícula. Nestes casos o ingresso ocorre, em média aos 28 anos de idade.

escolhas. Assim, percebem-se a dinâmica social, os elementos motivadores, os recursos disponibilizados que capacitarão os futuros Oficiais, bem como as oportunidades oferecidas pelas instituições, atreladas às políticas institucionais da época. Por meio dessas políticas, plano de carreira e oportunidades, evidencia-se também a importância e o poder que são atribuídos às instituições militares.

A mobilidade social pode ser ratificada nos depoimentos colhidos de vários oficiais. Esses foram enfáticos ao afirmarem que melhoraram sua condição social ao ingressarem na Força Militar.

Eu acredito sim, que houve mobilidade social. Vou tecer um rápido histórico. Meu pai foi oriundo do Estado do Rio Grande do Sul, e ingressou no EB prestando o serviço militar, no ano de 1957, entrou como soldado e fez os cursos regulares para praças, Soldado, Cabo e Sargento. Minha mãe é filha de pessoas da classe baixa. Minha avó, eu me lembro de que ela fornecia alimentação para fora, para casas, restaurantes. Tinha muitos filhos, seis ou sete, e com uma renda bem baixa para subsistência, na realidade [...] Acessei a Academia Militar das Agulhas Negras por processo seletivo, onde aqueles que obtivessem as melhores notas ingressavam. O início foi dessa forma, mas eu lembro bem de que no início da minha vida, o meu pai se dedicava as atividades do EB e minha mãe lavava roupa e fazia bolo, para reforçar as finanças, pois éramos e ainda somos seis filhos. Necessitava de um complemento de renda. Não as coisas não foram fáceis, mas a minha ascensão foi basicamente em cima do ensino [...]. Cel EB<sup>25</sup>, jun. 2013, ESG RJ. Informação verbal.

Nas diversas entrevistas realizadas durante a pesquisa, pode-se constatar que os oficiais criticam a ausência de um plano de carreira que compatibilize as distorções existentes entre as responsabilidades crescentes da profissão, com os ganhos salariais proporcionalmente decrescentes. “Esta situação obriga-nos a fazer comparações com a função de motorista de certas autoridades que ganham mais do que um coronel com mais de 30 anos de carreira”. (Coronel da FAB, ESG, jun. 2013)

O fato de terminar a carreira na mesma classe que a iniciou apresenta aspectos negativos, pois os gastos tendem a aumentar de forma desproporcional em relação às reposições financeiras decorrentes, sejam das correções salariais, seja da progressão na carreira. Este fenômeno foi destacado por vários oficiais entrevistados.

Dentro das Forças Armadas, você tem muito pouca mobilidade, dentro daquela pirâmide econômica, a própria estrutura de salário das FA, não te permite isso. Um coronel tem muito mais encargos familiares do que um tenente e ele ganha aproximadamente 50 a 60% a mais que o tenente. Este não tem muitos gastos, é ele e o carro dele. Um coronel que tem família, filho e está pensando em ir para a reserva não recebe um salário proporcionalmente diferenciado em relação ao tenente. Não há uma proporção adequada. Isso não te permite mudança de classe social no exercício da profissão [...]. Cel EB, 16 mai. 2013, ESG-RJ. Informação verbal.

O aumento de responsabilidades com as respectivas despesas sem a devida compensação salarial pode ser uma forma de desvalorização profissional e institucional realizada pelo Estado, por meio de seus governos, principalmente quando comparadas às Forças Militares a outras categorias profissionais.

A pesquisa indica que as Forças Militares têm sido instrumento de mobilidade social para, praticamente, a metade do efetivo pesquisado. A investigação revela, no entanto, expressivo percentual de

<sup>25</sup> Preferiu-se adotar o anonimato visando preservar os entrevistados.



oficiais que não experimentam alguma mobilidade social, 41% (quarenta e um por cento). Este evento pode ser explicado pelo fato de essa parcela considerada de oficiais já pertencer, no momento do ingresso na caserna, a uma classe social privilegiada, em relação àquela representada pela metade dos entrevistados.

Por intermédio da metodologia da história oral<sup>26</sup> pode-se averiguar que é na Marinha que se encontra o maior percentual de oficiais que não experimentam mudanças em sua condição social.

Particularmente para estes oficiais a Marinha não é um local em que há a instrumentalização da mobilidade social. Eles ingressaram na instituição em um estamento social e se julgaram pertencentes a ele até hoje. Há relatos de situações que houve inclusive descenso, 10% (dez por cento) dos oficiais enquadram-se nesse caso.

De minha parte não houve nenhuma mudança. Hoje em dia julgo que pelo contrário, a gente regrediu um pouco mais. A vida militar hoje, para os últimos postos, financeiramente falando, está bem aquém do que eu acho que poderíamos receber. Mas, a minha origem é da classe média, durante a minha vida nunca faltou nada em minha casa, mas também não fomos tão abastados, mas não tivemos dificuldades, graças a Deus.

Quando você ingressou na Marinha você pertencia a uma determinada classe a qual você se mantém até hoje, é isso? Sim, não houve modificação, na minha vida não. CMG Dair, ESG, 16 mai. 2013. Informação verbal.

Para suprir o déficit salarial, muitos militares desempenham outras atividades remuneradas ou equilibram a diferença compondo com o cônjuge. 21% dos entrevistados confirmaram que desempenham outra atividade remunerada. 26% declararam que não desempenham outra atividade porque compõem a renda com o cônjuge. 37% disseram que não desempenham, mas sentem necessidade. 1% declarou desempenhar esporadicamente outra atividade remunerada. Somados, tem-se um resultado de 85% que direta ou indiretamente atestam a necessidade da complementação da renda. 15% (quinze por cento) totalizam os que deram outras respostas.

Tal dinâmica se relaciona com os motivos de evasão crescente que as instituições militares têm enfrentado nos últimos anos. Interessante notar que fenômeno semelhante ocorre nas forças auxiliares, em que os profissionais exercem atividades laborais extras, ou “bicos”. Segundo Bonfanti (2009), embora o fenômeno tenha divulgação na mídia, pouco tem sido estudado. Principalmente em se tratando de questões de segurança, qualidade de vida, autoimagem do profissional e o fato de estar à disposição, ainda que em horário de descanso.

<sup>26</sup> História oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em gravar entrevistas com alguém que pode testemunhar acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso: em 11 jul. 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após exame das realidades sociais de oficiais nos diferentes postos, a pesquisa pôde identificar quais camadas da sociedade, nos últimos 30 (trinta) anos, foram atraídas para ingressarem nos cursos de formação de oficiais das Instituições Militares, em especial nas Forças Armadas. Atualmente as classes “C” e “D” são majoritárias nas diversas Academias Militares, mesmo na Marinha do Brasil que tinha a tradição de atrair camadas mais elitizadas da sociedade.

Consoante as interpretações dos resultados colhidos no trabalho de pesquisa conclui-se que ao se confrontar a classe social do militar na ocasião do seu ingresso com a do final da carreira há relativa mobilidade social ascendente para 53% dos pesquisados. Neste caso, mesmo considerando que a maior parte dos que ingressam nas Academias são jovens em seu primeiro emprego, os oficiais nas entrevistas confirmaram que as organizações militares representaram instrumento para a sua mobilidade social durante toda a carreira.

Por outro lado, 41% dos pesquisados terminaram a carreira na mesma classe que iniciaram. Esse fato apresenta aspectos negativos, pois os gastos tendem a aumentar de forma desproporcional em relação às reposições financeiras decorrentes das correções, sejam salariais, seja da progressão na carreira.

Esta aparente contradição poder ser entendida quando se compara as classes sociais dos ingressantes no passado com os atuais aprovados para o primeiro ano das Academias Militares. Se no passado os componentes das classes “A” e “B”, com maior presença dessa última, possuíam hegemonia nos ingressos, a pesquisa identificou que há atualmente maior acesso das classes “C”, “D” e “E”. Esse fato requereu um minudente trabalho na pesquisa que possibilitou identificar subsídios que explica a alta taxa de evasão experimentada atualmente pelas Forças Armadas, bem como a expressiva mobilidade social identificada.

Em relação à evasão houve fortes motivos identificados, tais como a desmotivação com a carreira, fruto da ausência de reconhecimento profissional aliado a questões salariais. A percepção de 78% dos oficiais entrevistados é que atividades melhores remuneradas, na iniciativa privada e em outros órgãos da Administração Pública, condições financeiras e de evolução na carreira mais favorável que na Caserna, têm sido a razão da evasão. No entanto, a pesquisa identificou outros fatores motivadores. Um deles, fortemente destacado nas entrevistas, foi a sobrecarga suportada pelas famílias decorrentes das constantes mudanças de domicílio e com a perda de valor aquisitivo do salário. Os oficiais criticam também a ausência de um plano de carreira que compatibilize as distorções existentes entre as responsabilidades crescentes da profissão com os ganhos salariais proporcionalmente decrescentes.

A evasão de cérebros das Forças Armadas cresceu nos últimos anos, esta perda de capital humano com a migração de militares para a iniciativa privada tem preocupado e influenciado negativamente o pensamento estratégico das Forças Armadas exigindo das autoridades tratamento urgente para o fenômeno, sob pena de se desprezar o capital mais valioso de uma instituição – o humano.



Os oficiais indicam que a instituição funciona como instrumento de mobilidade social, mas pontuam que no passado a carreira era mais estável, não apenas pelo salário que era melhor, mas também pelo prestígio que a carreira gozava na sociedade.

De maneira geral a pesquisa conclui que, se por um lado há nas Forças Militares – FM, mobilidade social descendente para parte dos oficiais mais antigos, e, atrativos menos interessantes na Instituição que no passado, por outro lado as FM possuem um papel fundamental na mobilidade social, oportunizando que componentes das camadas mais humildes da sociedade possam chegar ao oficialato, ocupando posição na carreira militar, de presença majoritária de camadas privilegiadas da sociedade.

A revisão bibliográfica realizada na Biblioteca da Escola Superior de Guerra revelou que não havia contribuições científicas disponíveis sobre o tema. Foram encontradas duas conferências proferidas na ESG, e um Trabalho Especial que tangenciaram o assunto. A escassez de material científico foi a principal limitação para abordar de maneira aprofundada a questão. As pesquisas com as novas turmas das Academias Militares pode ser tema para novas averiguações, sendo que nesses casos a inclusão das Polícias Militares como foco poderia complementar o presente estudo e, ao mesmo tempo, abrir outros espaços para novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, André de. Fuga de talentos na elite militar. **Correio Braziliense**. Brasília, DF, 7 abr. 2013.

ARAÚJO, Marcos de. **Mobilidade social, multiculturalismo ou discriminação na Polícia Militar**: um estudo sobre estigmas e preconceitos na corporação. Brasília, DF: Fortium, 2008.

BONFANTI, Sérgio Augusto. O bico realizado por policiais militares da capital gaúcha: implicações, fatores intervenientes e consequências. **Direito & Justiça**: Revista da Faculdade de Direito da PUCRS, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 182-197, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/viewFile/8486/6238>> Acesso em: 17 jul. 2013.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007. BRASIL. Ministério da Defesa. Comando do Exército. Academia Militar das Agulhas Negras. **Anuário estatístico**: Base de Dados 2003 a 2012. [S.l.: s.n., 2012?]

BRASIL. Ministério da Defesa. Marinha do Brasil. Escola Naval. **Perfil socioeconômico dos aspirantes do 1º ano**: 2004 a 2012. [S.l.: s.n., 2012?]

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Força Aérea Brasileira. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=fabnumeros>>. Acesso em 02 maio 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Programa internacional de avaliação de estudantes; PISA**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>. Acesso em 05 mai 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Índice de desenvolvimento da educação básica, IDEB**. Projeções para o BRASIL até 2021. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=452713>. Acesso em 06 mai 2013.

CAVALCANTI, Manoel Niederauer Tavares. **Mobilidade social no Brasil**. Rio de Janeiro: ESG, 1980.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

ENGELS, F. & MARX, K. **Manifesto do partido comunista**, Petrópolis: Vozes. 1990

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (Brasil). **Manual para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso**: monografia. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_, **Manual Básico** - Rev., atual. Rio de Janeiro, 2013.

FERNANDES, D. C. **Estratificação Educacional, origens socioeconômicas e raça no Brasil: as barreiras de cor**. Prêmio IPEA 40 anos - IPEA-CAIXA 40. 2005

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**, 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HOLLANDA, Cristina Buarque de. **Teoria das elites**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARTINS ALVES, José Antonio. **Mobilidade Social nas Forças Armadas**. Trabalho Especial do Departamento de Estudos da ESG, Tema 107, 1979.

PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1979.

\_\_\_\_\_; HALLER, A.O. O que está acontecendo com a mobilidade social no Brasil? In VELOSO. J.P.R.; ALBUQUERQUE.,R.C.A. (org) **Pobreza e mobilidade social**. São Paulo: Nobel, 1993.

VIVEKANANDA, Swami. **O que é religião**. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004.